

Violentada mais uma vez: uma análise de comentários no Facebook que discursam a culpabilização das mulheres vítimas de violência doméstica

Violadas una vez más: un análisis de comentarios en Facebook que culpan a mujeres víctimas de violencia doméstica

Adrielle de Souza SILVA¹
Cândida NOBRE²

Resumo

Esta pesquisa analisou comentários de notícias de mulheres vítimas de violência doméstica na página do Imediato no Facebook, reconhecendo as dinâmicas impostas ao jornalismo e os modos de interagir das redes digitais. Ancorou-se nas práticas jornalísticas em plataformas, em como, nestes espaços, são noticiados os casos de violência doméstica contra a mulher e, de que maneira emergem comentários que culpabilizam as vítimas pela violência sofrida. A análise considerou a perspectiva etnometodológica de Análise da Conversa conforme descrita por Oliveira (2019). Conclui-se que os jornalistas precisam se adaptar à realidade de produção, distribuição e circulação de notícias em plataformas de redes sociais digitais. Contudo, tal adaptação não dispensa o olhar responsável que profissionais e canais devem manter. É fundamental que os jornalistas e os veículos abordem os casos de violência contra a mulher com ética e responsabilidade, evitando a estereotipagem e o sensacionalismo.

Palavras-chave: Jornalismo. Prática jornalística. Plataformização. Violência contra a mulher. Facebook.

Resumen

Esta investigación analizó comentarios noticiosos de mujeres víctimas de violencia doméstica en la página de Facebook Imediato, reconociendo las dinámicas impuestas al periodismo y las formas de interactuar en las redes digitales. Se basó en prácticas periodísticas en plataformas, cómo en estos espacios se denuncian casos de violencia doméstica contra mujeres y cómo surgen comentarios que culpan a las víctimas de la violencia sufrida. El análisis consideró la perspectiva etnometodológica del Análisis de Conversación descrita por Oliveira (2019). Se concluye que los periodistas necesitan adaptarse a la realidad de la producción, distribución y circulación de noticias en las plataformas de redes sociales digitales. Sin embargo, dicha adaptación no prescinde de la

¹ Graduanda do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas, Campus Parintins (ICSEZ/UFAM). Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC), com financiamento da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Email: dricasouza2608@gmail.com

² Doutora em Estudos da Mídia (UFRN). Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Educomunicação e Linguagens da Amazônia (UFAM), Campus Parintins. Email: candidanobre@ufam.edu.br

actitud responsable que deben mantener profesionales y canales. Es fundamental que periodistas y medios de comunicación aborden los casos de violencia contra las mujeres de manera ética y responsable, evitando estereotipos y sensacionalismo.

Palabras-clave: Periodismo. Práctica periodística. Plataformaización. Violencia contra las mujeres. Facebook.

Introdução

Os processos de digitalização, os modos de produção, circulação e consumo de imagens tem se tornado uma forma de organizar a vida e de testemunhar experiências das mais diversas, incluindo também situações de violência, antes vinculadas à esfera do privado, como é o caso da violência doméstica. O jornalismo tem tido um conjunto de imagens à disposição a partir das quais opera a sua narrativa, em um contexto muito particular de regimes de visibilidades e visualidades (BRUNO, 2013) no qual os sujeitos contemporâneos se constituem no campo midiático.

Lindemann et al. (2022, p. 206) definem a etapa atual como uma plataformaização do jornalismo, “[...] quando veículos passam a publicar conteúdos nas plataformas digitais, visando, sobretudo, fortalecer a interação com o público”. A partir de Kalsing (2021), as autoras destacam que plataformas como Facebook e Google não se resumem a canais de distribuição, mas definem o que o público vê, como se dão os processos de remuneração a partir da audiência e quais formatos e gêneros jornalísticos emplacam.

É nesse contexto que imagens de violência doméstica passam a fazer parte do conteúdo de veículos jornalísticos também nas plataformas de redes sociais. Une-se a esse artifício visual, a reflexão do papel social do jornalismo e as dimensões éticas das produções jornalísticas, em um momento bastante desafiador para os veículos submetidos às lógicas de mercado. Estas exigem das empresas jornalísticas a participação em estratégias de interatividade segundo as regras algorítmicas das plataformas para que uma determinada publicação circule, chegue ao seu público e o veículo seja capaz de manter a sua relevância no debate público, por exemplo. Isto significa que, no jornalismo digital, observa-se não apenas a possibilidade, mas a *necessidade* de abrir espaços de conversação a respeito das notícias veiculadas (CANAVILHAS, 2014).

Os comentários de publicações de páginas jornalísticas de redes sociais como o Facebook se tornam um espaço a partir do qual emergem disputas, conversações e debates

sobre a violência doméstica contra a mulher. O objeto de estudo consiste na análise dos embates ocorridos nos comentários da página de veículo jornalístico no Facebook, Imediato. Na seção “sobre” da página, o Imediato se descreve como “o site dedica uma equipe de profissionais para garantirem mais de 18 horas de cobertura ao vivo, sem interrupções”³.

Atualmente a *fanpage* possui expressivas 672 mil curtidas⁴ e um amplo acervo de notícias (e, por conseguinte, imagens em vídeo e fotografias) sobre violência doméstica contra a mulher. O que a aproximação do campo permitiu observar é que, não raro, a vítima, além da violência sofrida, passa também por diversas etapas de violação que vão desde o modo como a informação é noticiada até os comentários e julgamentos que as culpabilizam.

Violência contra a mulher

Conforme explica Lima (2022), tratar a violência doméstica para além de um problema intra-familiar é um processo recente, reforçado a partir da década de 1970, quando há cada vez mais a publicização do tema, uma maior presença de mulheres no mercado de trabalho, bem como a organização de movimentos de reivindicação de pautas femininas, tornando “[...] mais presente o entendimento da violência como uma real violação do direito da mulher, que passa a ser compreendido como algo que ocorre no âmbito familiar, mas vai além dele, pois agrega situações de abusos e assédio em diferentes cenários” (LIMA, 2022, p. 12).

A violência contra a mulher é definida como qualquer ato que cause dano físico, sexual, psicológico, patrimonial ou moral à mulher, tanto no espaço público quanto no espaço privado. Esta definição abrange diversas atitudes como a agressão física, abuso sexual, intimidação, assédio, exploração e qualquer outra forma de violência ligada ao gênero. Há um entendimento cada vez maior do amplo espectro de violência de gênero que subjuga os corpos e subjetividades femininas. Em vários países, incluindo o Brasil, leis e políticas foram criadas para combater a violência contra a mulher, como a Lei Maria

³ A página pode ser acessada por meio do endereço <https://www.facebook.com/imediatoonline>. A descrição foi vista pela última vez no dia 29 de agosto de 2024.

⁴ Por se tratar de uma pesquisa em um espaço em constante interação, este número pode sofrer variações. A informação foi coletada no dia 29 de agosto de 2024.

da Penha (Lei Nº 11.340/2006), que cria meios de prevenção à violência doméstica e familiar contra a mulher, independente da cor ou classe social, com o propósito de assegurar uma vida sem violência.

A Lei Maria da Penha é um importante marco para garantir a seguridade das mulheres e penalizar os indivíduos que cometem crimes das mais diversas ordens. De acordo com o artigo 5º da referida Lei, “violência doméstica e familiar contra a mulher é qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (DOSSIÊ..., 2016).

Entretanto, apesar de alguns marcos jurídicos, esse tipo de violência continua muito comum à população brasileira. Apenas no estado do Amazonas, segundo dados do relatório produzido pela Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS-RCP), em 2022, houve o registro de 4,6 mil casos de violência contra a mulher, sendo a maior parte das vítimas na faixa etária dos 10 aos 14 anos (26,1%) (G1...2023).

Ainda sobre dados que reforçam a preocupação com a temática, em 2022, a desembargadora Graça Figueiredo destacou que há mais de 19 mil processos de violência doméstica contra a mulher tramitando no Judiciário do Amazonas (NUNES, 2022). Neste contexto, o jornalismo deve cumprir um papel fundamental de, não apenas noticiar os fatos, mas auxiliar no debate acerca do tema, sobretudo em um período de ampla profusão e distribuição de imagens como atualmente.

Ética e plataformização do jornalismo no Facebook

O modelo de negócio e de distribuição do jornalismo “sofreu três mudanças importantes: a migração do analógico para o digital, o advento de mídias sociais e, hoje a primazia do mobile” (BELL; OWEN, 2017, p. 49). As plataformas digitais como o Facebook, Google, mais recentemente Tik Tok, Twitch entre outras, passaram a fazer parte do cotidiano dos indivíduos e isso fez com que os meios de comunicação tradicionais repensassem seus processos, visto que as plataformas de redes sociais digitais e os buscadores agem diretamente nas formas de produção, distribuição e consumo de conteúdos jornalísticos. Conforme explicam Lindemann et al (2022), as plataformas são compreendidas como infraestruturas digitais baseadas em dados, organizadas por meio de algoritmos, com normas e valores, próprios e privados, inscritos em suas arquiteturas.

A plataformação do jornalismo descreve a crescente dependência dos profissionais em relação às plataformas digitais, visando fortalecer a interação com o público. Esse processo tem efeitos significativos e complexos no ecossistema jornalístico. Conforme destaca Kalsing (2021), as empresas de jornalismo veem na apropriação das plataformas uma possibilidade de monetizar e distribuir seus conteúdos. Dessa maneira, passam a moldar a produção aos formatos estimulados pelas plataformas.

A princípio, o Facebook⁵ possibilitou que os veículos de comunicação ampliassem seu alcance. Como explicam Bell e Owen (2017, p. 60), “A eficiência com que as plataformas chegam a públicos muito maiores e mais segmentados é o maior benefício para organizações e profissionais do jornalismo”. Por meio de compartilhamentos, curtidas e comentários, as notícias repercutem rapidamente, atingindo um grande número de indivíduos que talvez nunca acessassem diretamente os portais/sites.

A expectativa das empresas de jornalismo é que essa maior visibilidade possibilite mais tráfego e, como resultado, mais receitas publicitárias para os veículos. Permanecer relevante em um cenário tão competitivo, que exige uma velocidade e volume de publicações intensa, torna-se também um desafio para a manutenção dos critérios e da qualidade profissional no exercício da profissão.

A ética no jornalismo deve estar presente em todo o processo de construção do produto noticioso, principalmente quando se trata de temas sensíveis como a violência doméstica. O jornalista precisa ter uma responsabilidade ética e social ao relatar com verdade e senso, da forma que protege os direitos e a dignidade da vítima. De acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, este “[...] tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação” (CÓDIGO..., 2014). Cabe ao jornalista informar de modo preciso, responsável e ético, promovendo a transparência acerca dos fatos e eventos registrados, bem como ao acesso aos dados e fontes do produto noticioso.

Com base nas análises das publicações, nota-se que o Portal Imediato expõe o nome, a imagem e propaga as notícias de forma sensacionalista, não se preocupando com os direitos violados das vítimas. Ainda com o Código de Ética dos Jornalistas (2014), no Art. 6, é dever do jornalista: “VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra

⁵ Apesar de ser possível reconhecer a queda da relevância do Facebook no Brasil, este declínio não ocorre de forma homogênea no país, de forma que esta rede sociodigital ainda ocupa um espaço significativo como canal de informação no território ao qual nos propomos discutir.

e à imagem do cidadão”. É preocupante como há a quebra do código como estratégia para ter um maior número de acessos em seus portais ou sites.

De acordo com o Art.7, o jornalista não pode: “II- submeter-se a diretrizes contrárias à precisa apuração dos acontecimentos e à correta divulgação da informação” e “IV- expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz traços físicos indicação de locais de trabalho ou residência” (CÓDIGO..., 2014). Observa-se no Portal Imediato que os jornalistas não cumprem por diversas vezes os parâmetros apresentados.

Ao expor o nome e a imagem da vítima em casos sensíveis, o jornalismo viola o direito à dignidade e a integridade pessoal, sendo um instrumento que reforça a marginalização e estigmatização dessas mulheres. A violação ao direito à privacidade pode colocá-las em risco, com a reincidência a ataques físicos ou emocionais ou ainda ter o jornalismo usado como elemento que pode excluir o direito à justiça e ao processo legal das pessoas envolvidas no caso, a depender do modo como a informação é apurada e veiculada.

Agrimani (1995) entende o sensacionalismo como característico de cada meio de comunicação, podendo haver um erro na notícia, a prática de exagerar na coleta de dados, usar fotos ousadas ou seguindo por uma linha editorial mais especulativa e menos informativa ou amparada nos fatos. Os jornais sensacionalistas engrandecem apelos do caráter sentimental e tendencioso e a partir disso, a notícia se vende por conta própria. Como o adjetivo indica, utiliza-se um tom escandaloso, espalhafatoso, é a produção de noticiário que extrapola o real, que hipermendisa o fato (AGRIMANI, 1995).

O que se observa no caso do Imediato é o apelo visual, seja em fotos ou vídeos, da violência em si ou do resultado dela, operando como uma das estratégias sensacionalistas. Os comentários, que servem como uma segunda camada da informação, também dão o tom de escândalo, de especulação e, como vimos, de julgamento das vítimas, submetidas naquela arena, ainda que simbolicamente, à violência uma vez mais.

O caso do Portal Imediato

Uma vez que o objetivo propõe uma análise das conversações elaboradas a partir dos produtos e práticas jornalísticas, fez-senecessário ir a campo para a coleta de dados empíricos na página do Imediato. Realizou-se uma etapa de coleta na página do Facebook

‘Imediato’, no recorte temporal de março 2022 a novembro de 2023, destacando algumas conversações para fins de análise. Foram selecionadas três publicações, em razão das conversações terem os elementos que se pretende deixar mais evidentes. Quanto aos comentários e conversações apresentados, os interagentes não tiveram suas identidades reveladas, optando-se pela escolha de nomes fictícios. Como critérios para análise de inclusão, selecionou-se os comentários que possuíam a interação de no mínimo duas pessoas, já que a pesquisa centra-se nas conversações.

Os critérios consideram a análise elementar de Marcuschi (2003, p. 15) que aponta cinco características básicas da organização da conversa: “(a) interação entre pelo menos dois falantes; (b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; (c) presença de uma sequência de ações coordenadas; (d) execução em uma identidade temporal; (e) envolvimento numa interação ‘centrada’”.

Descreveu-se a catalogação dos comentários de cada publicação, classificando-os a partir dos posicionamentos em torno do assunto noticiado. Neste ponto, consideramos a abordagem etnometodológica da Análise da Conversa, que tem como objeto, segundo Oliveira (2019, p. 33):

[...] a linguagem natural expressa pelas conversas, ressaltando que esse natural deve ser entendido não como algo que se distingue do social, mas no sentido de uma linguagem cotidiana e ordinariamente compartilhada, a qual não sofreu nenhuma interferência do pesquisador, acreditando que nela se expressa um sistema de organização bem estruturado e metodicamente organizado. Isso quer dizer que quando um indivíduo formula e expressa um texto verbal, há um processo de reflexividade prática que lhe possibilita a escolha de determinados termos, porexemplo, para cada situação comunicativa.

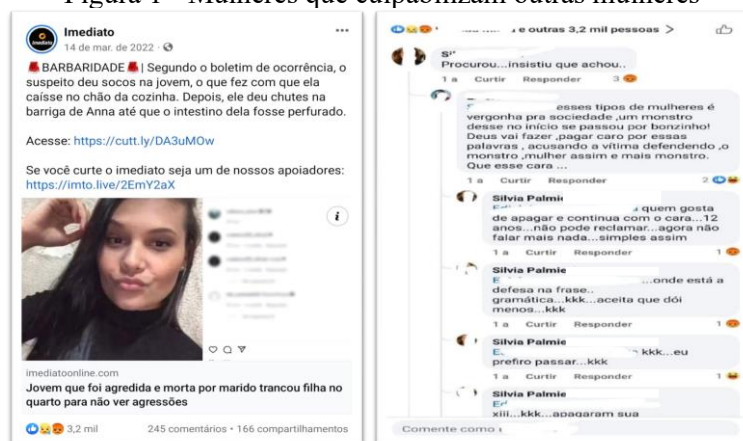
É precisamente esse reconhecimento de um modo de se expressar e o que ele revela que se pretendeu observar. Portanto, na terceira etapa, identificou-se por meio dos comentários os posicionamentos evocados e tensionados nas conversações. Observou-se os modos de ver as vítimas de violência doméstica e o agressor para elaborar a análise, considerando o papel do jornalismo na construção de um espaço de debate acerca do assunto. Por fim, destaca-se os posicionamentos e delineamentos possíveis mediante os olhares dos leitores e dos modos de produção jornalística submetidos à lógica da plataformização.

Os comentários produzidos a partir das publicações são vistos como um dos modelos de conversação possível no Facebook. Partindo do pressuposto que as trocas

interativas que ali se estabelecem tem suas características próprias, observou-se que, no espaço disponibilizado para os comentários, há uma vasta gama de dados e questões que revelam não só sobre a temática discutida pelos interagentes, mas sobre a contestação acerca de seus significados, sobre como as mídias sociais abrem portas para a produção de conteúdos, sobre os relatos construídos e como posicionamentos são apresentados diante de preceitos culturais e emocionais.

As publicações analisadas revelam um padrão de exposição inaceitável das vítimas de acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, com algumas notícias exibindo o rosto das mulheres de maneira reconhecível, mesmo quando há intenção de borrá-lo, como é possível observar na figura 1:

Figura 1 - Mulheres que culpabilizam outras mulheres



Fonte: Página do Facebook do Portal Imediato, (2022)

A partir das conversações, identificou-se algumas mulheres que culpabilizam outras mulheres, pessoas que se posicionam como defensores dos agressores, um discurso cujo conservadorismo se torna muito presente, um esforço em desacreditar a vítima e um acionamento da discussão sobre o papel do estado. Em situações extremas, como o caso da jovem que foi agredida e morta pelo marido como consta na figura 1, o rosto da vítima é exposto, o que menospreza a sua dignidade e pode aumentar o trauma para os seus familiares. Em alguns casos analisados, as notícias incluem imagens das agressões, como mulheres sendo chutadas ou coagidas por seus agressores. A escolha do modo de expor os fatos para o público propaga a cultura da violência, aproveitando o sofrimento das vítimas para aumentar o engajamento da página.

O sensacionalismo é um recurso muito utilizado nas publicações do Imediato. As manchetes e os conteúdos exibidos nas matérias evidenciam detalhes como “agredida com socos e mordidas” ou “espancada enquanto grávida” como está na figura 1. Esse método, voltado para escandalizar e atrair curtidas, tem o propósito de afetar a população em relação à gravidade do caso da violência, instigando, por vezes, que a própria audiência assuma uma postura violenta.

Nas análises das publicações, constata-se a carência de uma abordagem educativa, não há uma orientação sobre como buscar ajuda e nem há ênfase na importância da denúncia. Além disso, existe uma desigualdade na cobertura, com maior interesse nos agressores e na exposição dos seus atos, enquanto as vítimas são representadas de forma a frisar sua vulnerabilidade⁶.

Na figura 1, observou-se que a publicação teve 3,2 mil reações (*tristeza, raiva e curtida*), 245 comentários e 166 compartilhamentos. Dentre as dezenas de comentários lamentando a morte desta jovem, e/ou crítica à violência/agressor, destacou-se o comentário da Manoela Azevedo (nome fictício): “*Procurou...insistiu que achou*”. Há a culpabilização e julgamento da vítima, mesmo depois das agressões fatais, tirando o foco principal que deveria estar no agressor. De acordo com Rozeane Silva (2017), esse pensamento machista não está arraigado somente nos homens, mas também em muitas mulheres, o que foi constatado no campo da pesquisa.

Em resposta ao que foi dito pela Manoela Azevedo, tem-se o comentário de Brenda Garcia (nome fictício) que expõe discordância às alegações de Manoela: “*esses tipos de mulheres é vergonha para a sociedade, um monstro desse no início se passou por bonzinho! Deus vai fazer ,pagar caro por essas palavras , acusando a vítima defendendo o monstro ,mulher assim e mais monstro. Que esse cara...*”. A partir dessa conversa, pode-se explorar três situações.

A primeira é quando Brenda menciona “acusando a vítima e defendendo o monstro”, confirmando a culpabilização e a forma que o agressor foi ignorado nas palavras de Manoela. A segunda é quando ela se refere ao homem com a palavra “monstro”, manifestando que as agressões feitas por ele são atos de monstruosidade, e a terceira é quando ela registra, “mulher assim, é mais monstro que esse cara”, afirmando que a mulher que culpabiliza outra mulher é tão desumana quanto ele.

⁶ Os comentários analisados foram extraídos das conversações de forma original, mantendo-se a grafia presentes nos textos, para preservar a autenticidade das interações dos usuários na plataforma.

Manoela ratifica o posicionamento em resposta à Brenda: “*quem gosta de apagar e continua como cara... 12 anos...não pode reclamar...agora não falar mais nada...simples assim*”, “*...onde está a defesa na frase..gramática...kkk...aceita que doí menos...kkk*”, “*kkk...eu prefiro passar...kkk, xii...kkk apagaram sua mensagem*”. Esses três comentários não obtiveram respostas. Observa-se que há um reforço do posicionamento no comentário seguinte e, nos próximos, ocupa-se em disputar e desacreditar a sua interlocutora. Há ainda uma ausência de alguma mensagem, não sendo claro como ocorreu esse apagamento, se por parte da própria interagente ou por alguma moderação da página. De todo modo, caso seja a segunda opção, ainda assim é possível afirmar a ausência de mediação do debate por parte do veículo que não se posiciona ou modera os comentários feitos na publicação.

Segundo Primo e Smaniotto (2006), o espaço dos comentários é uma das ferramentas mais importantes para a evolução e incentivo da conversação no Facebook. A todo momento, a conversa formada ali pode tomar outros rumos, debatendo variados temas e deslocando para outras direções. Nas palavras de Primo e Smaniotto (2006), a conversação “escorre” entre temáticas e plataformas, perpassando a mera interação reativa baseada no clicar, reagir ou compartilhar, gerando interações mútuas pautadas pelas reciprocidades da conversas entre os interagentes no transcurso da conversa.



Fonte: Página do Facebook do Portal Imediato (2022)

Na figura 2, a notícia tem como título “*Mulher é agredida com socos e mordidas após recusar fazer sexo com companheiro*”. Destaca-se o comentário de Marinez Gonçalves (nome fictício): “*o problema é essas mulherzinha carente. Desesperada que*

nao seleciona os seus companheiros vai pegando o que ver pela frente. Conhece esses tranquera numa semana na outra Ja Ta morando com Eles”. Marinez mostra falta de empatia ao culpabilizar a vítima por não saber escolher seu companheiro no trecho “desesperada que nao seleciona os seus companheiros”.

Essa culpabilização se manifesta diversas vezes por meio de indagações sobre as escolhas das vítimas. Griselda Pereira (nome fictício) concorda com Marinez: “*é essas mulherzinha carente. Desesperada seleciona melhor quem elas vai relacionar. Toma vergonha nessa cara mulher si vc é uma delas o problema é seu*”. Finalizando a conversação, Gabriela Farias (nome fictício) discorda das duas interagentes, expressando que é comum essa postura imposta pela sociedade de julgar e estereotipar a vítima, “*De novo, a culpa é do homem, somente dele. Mulher carente ou não, não merece ser estuprada. Coloca isso na tua cabeça*”. Conforme Farias (2019), a responsabilidade de culpar a vítima está inserida em um peso moral, sendo demonstrada por fatores que envolvem crenças e valores pessoais.

[...] a culpa envolve uma dimensão moral, admitindo-se que houve uma transgressão moral, em outras palavras, a culpabilização ocorre quando se acredita, baseado em valores e crenças pessoais, que a vítima deveria ter agido de outro modo. Assim, o nível de culpa atribuído leva em consideração as desculpas ou justificativas dadas para o evento, sendo atribuídos níveis maiores de culpa quando as justificativas não são aceitas pelos observadores (FARIAS, 2019, p. 62).

A realidade de rotular mulheres, usando o termo “mulherzinha” e insinuar carência por causa de suas escolhas indica uma faceta na disseminação de estereótipos e da culpabilização da mulher, principalmente nesse contexto de violência doméstica.

A conversação é iniciada quando algum usuário comenta a publicação e revela por meio da sua produção discursiva uma opinião formada sobre o assunto, o que logo dá início a produção de outros comentários, seja em relação à publicação ou em resposta a outro comentário (OLIVEIRA, 2019). Observa-se que essas conversações, na maior parte do tempo, se dão por interagentes que não possuem proximidade e que não são amigos no Facebook.

As características dessas interação são os comentários serem respondidos de formas curtas, a momentaneidade da interação, a não extensão da conexão para outras redes e a possibilidade de, a qualquer momento, uma das partes apenas deixar de responder e debater, como aconteceu na figura 1. Desse modo, as interações são

constituídas pelo interesse em fazer parte de uma discussão por meio de comentar/responder o que foi dito, como apresentado na figura anterior, nos posicionamentos de discordância entre Marinez e Gabriela.

A figura 3 revela um caso de agressão após a vítima terminar o relacionamento com o agressor:

Figura 3 - Descredibilização da mulher



Fonte: Página do Facebook do Portal Imediato (2023)

Na figura 3, a manchete da notícia é: “Influencer é agredida pelo namorado após querer término”. O *post* alcançou 1,3 mil reações, 136 comentários e 15 compartilhamentos. Essa publicação teve inúmeros comentários do tipo “*por isso que eu termino pelo telefone pra que não tenha barraco de mulher*”, “*ela vai voltar pra ele. Quer apostar*”, “*Jaja eles volta de novo*”, “*queria aparecer, conseguiu*”, “*essa é a versão dela né?*”, entre outros. Ainda assim, não tiveram respostas de outros interagentes (por isso não foram analisados). Todos esses comentários destacados foram feitos por homens, refletindo o machismo estrutural ou de masculinidades adoecidas que dificulta ainda mais o quadro dessas vítimas (MIRANDA, 2017).

Para análise de conversação dessa publicação, destaca-se o comentário de Marcos (nome fictício), situado no canto superior direito da figura 3: “*de onde aparece tanta influencer*”. Em seu comentário, Marcos ignora as agressões ao mesmo tempo que desqualifica a mulher quando se refere ao seu trabalho. Em resposta a Marcos, temos o seguinte comentário “*Só basta ser bonita e falar pras mulheres se aceitar nas redes*

sociais, que vira blogueira, sendo q a blogueira vai no salão 3 vezes na semana, faz procedimento estético direto”, reforça Raimundo de Souza (nome fictício).

Há no diálogo uma filiação pela concordância no modo de enxergar o fato noticiado. A vítima, por sua vez, além de ter que lidar com situações que a constroem e violentam como mulher, ainda enfrenta convicções de que a sua ocupação se limita à estética, aparência física ou superficialidade, ignorando não somente a violência que sofreu, mas a pluralidade de habilidades que são desenvolvidas na criação de conteúdos online.

Antônio Carlos (nome fictício) também responde Marcos: *“Tai uma pergunta que eu me faço”*, Marcos diz em resposta a Antônio *“fui lá na zona esse final de semana as quengas agora querem ser chamada sor de influencer.kk”*. A vulgarização da mulher se manifesta através de ações desrespeitosas, por meio da linguagem pejorativa, piadas ofensivas, comentários indevidos ou atitudes desagradáveis. Diante dos comentários mencionados, Vitória Gama (nome fictício) pontua: *“Vc ta preocupado com isso? Um homem bate em uma mulher por não querer terminar e vc ta se importando se ela é influencer ou não?”*. O posicionamento de Vitória transmite o sentimento de indignação, ao tratarem de um caso tão sério com total falta de seriedade e respeito. O comentário de Vitória não recebeu resposta.

Considerações finais

Christofoletti (2008) descreve que a ética no jornalismo existe para inquietar quem produz a informação, causando o bom senso que, por fim, pode beneficiar ou prejudicar alguém. Mesmo que a informação seja um benefício público e social, a ética que a rodeia precisa espelhar sua teoria moral que perpassa o conservadorismo e se elabora com base em valores como liberdade e humanidade.

A lógica da plataformização do jornalismo analisada expõe um quadro que mostra um uso estratégico e gráfico da violência para fins de alcance do público ao passo que opta pela ausência de mediação, como fica perceptível no portal Imediato. Nessa circunstância, as conversações dentro das plataformas digitais atuam potencializando o alcance e o engajamento do público. A dinâmica dessas interações finda por delinear as práticas jornalísticas, da forma que as notícias sensacionalistas de acontecimentos

violentos, principalmente envolvendo casos de violência doméstica é usada como tática para ter um maior alcance e interação.

Esse método sensacionalista embora revele a gravidade da violência contra as mulheres, acaba objetificando as mesmas. Ao darem ênfase nos detalhes mais chocantes da notícia, o Imediato não só explora o sofrimento das vítimas como também fortifica narrativas de que esse tipo de método é usado para fins de consumo midiático.

Desse modo, é imprescindível que os jornalistas apurem as notícias de violência contra mulher com ética ao relatar esses casos. Isso inclui a não estereotipagem, o não sensacionalismo e manutenção das identidades das vítimas preservadas, informando como buscar ajuda e apoio.

Referências

AGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo. Editora Afiliada, 1995.

BELL, Emily; OWEN, Taylor. A imprensa nas plataformas: como o Vale do Silício reestruturou o jornalismo. **Revista de Jornalismo ESPM**, jul-dez de 2017, p. 48-83. Disponível: <https://arquivo.espm.edu.br/revista/jornalismo/2017-jul-dez/50/>. Acesso: 20 abr. 2024.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser**: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2013.

CANAVILHAS, João (Org). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã. Livros Labcom. 2014.

CÓDIGO de Ética dos Jornalistas Brasileiros. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 2014. Disponível: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso: 20 ago. 2024.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DOSSIÊ Violência contra as mulheres: violência doméstica e familiar. **Instituto Patrícia Galvão**, 2016. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contra-as-mulheres/>. Acesso: 5 mai. 2023.

FARIAS, Mariana Gonçalves. Culpabilização de mulheres vítimas de estupro: subtipos femininos e variáveis correlatas. 2019. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/41556>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FRIACAS, Andreia Sofia Joaquim. A cultura jornalística na construção de notícias sobre violência doméstica contra mulheres no jornal Público em 2019. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa (Portugal).

G1 Amazonas. AM tem 4,6 mil casos de violência contra a mulher, a maioria na faixa dos 10 aos 14 anos. In: G1 Amazonas, 8 de abril de 2023. Disponível: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/04/08/am-tem-46-mil-casos-de-violencia- contra-a-mulher-a-maioria-na-faixa-dos-10-aos-14-anos.ghtml>. Acesso: 4 mai. 2023.

KALSING, Janaína. Jornalistas metrificados e plataforma do jornalismo. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/232189>. Acesso em: 10 set. 2023.

LIMA, Jhayne Geovana Santos. Sentidos e significados da representação da mulher vítima de violência doméstica no Centro-Oeste em comentários de notícias do Facebook durante a pandemia. 147 f. il. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Goiânia, 2022.

LINDEMANN, Cristiane et al. Em busca da performance jornalística no TikTok: análise do Estadão e da Folha de S. Paulo: In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.19, n.1, jan./jun. 2022. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/85604>. Acesso: 4 set. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MIRANDA, Cynthia Mara. Violência contra a mulher na mídia e os descaminhos da igualdade entre os gêneros. **Revista Observatório**, [s. L.], v. 3, n. 6, p.1-20, out. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/.4163/11647>. Acesso em: 17 mai. 2024.

NUNES, André. Mais de 19 mil processos sobre violência doméstica tramitam no Judiciário do Amazonas. In: **TJAM**, 8 de março de 2022. Disponível: <https://www.tjam.jus.br/index.php/menu/sala-de-imprensa/5579-mais-de-19-mil-processos- sobre-violencia-domestica-tramitam-no-judiciario-do-amazonas>. Acesso: 4 mai. 2023.

OLIVEIRA, Geilson Fernandes de. **Crise brasileira e conflitos discursivos: sociabilidades e emoções nas conversações das páginas das revistas Veja e Carta Capital no Facebook (2015-2016)**. 2019. 221f. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. **Blogs como espaço de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus**. **E-Compós**, v. 1, nº 5, 2006.

SILVA, Rozeane Feitosa Ximenes. **Violência contra a mulher: análise de matérias no jornal do Tocantins**. 69f. Monografia (Graduação)- Jornalismo, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2017. Disponível: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2875>. Acesso: 10 jun. 2024.